

"A dança contemporânea é muito elitizada e europeizada"

artes visuais , Por Lucas Muaga - December 05,2019



Mari Paula, bailarina brasileira, apresentou em Maputo a sua obra "Retrópica" | FOTO: Humberto Araujo

Trabalhando profissionalmente com dança, desde os seus 16 anos de idade, Mari Paula segue carreira independente, desde 2015. Vive, por vezes, em São Paulo, já passou por Curitiba, onde integrou uma companhia pública do Estado de Paraná. Actualmente, montou residência na Espanha, na cidade de Santander, onde desenvolve o seu trabalho com artistas espanhóis, mas passa metade do ano no Brasil.

É assim, nestes trabalhos, que Mari Paula conquista o mundo das artes cénicas e ganha, neste sentido, aplausos nos diferentes palcos pelos quais o dom de mover o corpo a leva. Já passou por países como Brasil, Alemanha, França, Espanha e, recentemente, Moçambique. Neste último, Mari Paula teve, ao menos de perto, um contacto directo com a África, onde pela Plataforma

Internacional de Dança Contemporânea (KINANI – 2019), pôde receber aplausos por causa do espectáculo "Retrópica".

"Maputo é um lugar muito emocionante, porque vi um Festival (KINANI) de pura resistência, que aconteça o que acontecer, vai ser feito, com gente trabalhando o melhor possível dentro das suas condições e o público é muito presente e apoia o Festival", disse a bailarina.

Nos seus números, Mari Paula não se esgota na dança, buscando explorar outros elementos, tais como a poesia e o teatro e monta um espectáculo mais complexo e dinâmico. E não tinha outro modo de o ser, visto que Retrópica resulta de várias combinações da tradição brasileira e espanhola, como quem questiona a legitimidade do Samba ou do Flamengo, relembrando o velho debate moçambicano em relação à marabenta.

A isto, acrescente-se o facto de a brasileira ter olhado para Moçambique e encontrar-se em casa, por vários motivos, tais como o passado comum e a multiplicidade étnica, elementos que muito a aproximam a sua terra natal, Brasil.

"A gente divide uma língua e um passado colonial, todas essas coisas vem muito forte quando você chega na cidade ou no país. É a minha primeira vez na África, me sinto muito identificada", explica.

Mari Paula destacou a importância do KINANI como uma Plataforma de aproximação cultural e troca de experiências entre artistas de diferentes cantos do globo e, mais do que isso, realça o destaque que a mesma Plataforma dá aos bailarinos nacionais, que, pelo que se pôde ver na última edição, contou com mais apresentações de artistas de Moçambique.

"Tem-se feito um trabalho impressionante com artistas locais, fomentando-os, ao mesmo tempo que trazem trabalhos de outros países, para que aconteça esse intercâmbio, faz-se questão que todos os artistas participem do Festival Inteiro", conta.

E é mesmo por esta via que a bailarina brasileira, Mari Paula, considera que a plataforma Kinani serviu de espaço aberto para apreciação de uma expressão artística fechada, ou seja, a dança contemporânea tem sido muito ocidentalizada, ao mesmo tempo, tratada como uma arte para a elite.

"Pude rever trabalhos moçambicanos, da África do sul, etc., e agora, nesta edição, ele trouxe programadores de outros países para fazer outro intercâmbio com artistas africanos, e um trabalho importante porque a dança contemporânea é elitizada e europeizada, sendo que os corpos africanos têm muita potência", considera.

Voltando ao espectáculo Retrópica, o mesmo resulta destes questionamentos em relação às culturas do Brasil e da Espanha e, por esta via, do mundo. Segundo a explicação da bailarina brasileira, em declarações à LITERATAS, a sua grande inspiração é o movimento modernista do século XX, a partir dos anos 20, no Brasil, quando os artistas decidiram "libertar" as artes e cultura das mãos do colonizador português e, conseqüentemente, apagar algumas marcas da cultura francesa, muito presentes entre os artistas brasileiros, até este período, europeizados.

"Retrópica tem como tema principal a "antropofagia cultural", um movimento modernista que surgiu no Brasil, dos anos 1920, quando o Brasil completava 100 anos da emancipação de Portugal. Existiu um grupo de artistas no Brasil - São Paulo, que queriam fazer um trabalho artístico com uma identidade brasileira e não uma identidade importada de Portugal e, conseqüentemente, da França", afirma.

Estas características não estão, entretanto, apagadas ao todo, tanto que o seu próprio espectáculo pode, igualmente, ser encarado como forma de reinvenção da expressão artística.

"Não se podia fazer nada do zero, nada inovador, porque o Brasil já estava influenciado (...), esse grupo de modernistas decidiu comer, sim, a cultura europeia, mas só o que interessa, digerir, assimilar o que tinha do Brasil e produzir uma arte antropófaga ou antropofágica", concluiu.



LITERATAS é uma revista digital de Artes e Letras com mais de seis anos de existência.

Propriedade do Movimento

Literario Kuphaluxa, gerida pela

Vice Versa - Ideias, Lda.